

Julio Zabatiero

Miqueias

A Voz dos Sem-Terra

Comentário Bíblico Latino-Americano



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO, 9

COMENTÁRIO, 31

LITURGIA TEOFÂNICA DE JUÍZO (Mq 1,2-16), 35

OS CRIMES DE JERUSALÉM (Mq 2,1-3,12), 51

ESPERANÇA PARA JERUSALÉM E O RESTO DE JUDÁ (Mq 4,1--
5,14), 83

JUÍZO E ESPERANÇA PARA A CIDADE (Mq 6,1-7,20), 109

INTRODUÇÃO

1. *Miqueias e suas releituras*¹

O livro de Miqueias é um dos chamados “profetas menores”. Esse apelido é justificado se olharmos para o tamanho do livro, comparado com os livros de Isaías, Jeremias e Ezequiel (os “profetas maiores”). Se prestarmos atenção ao conteúdo, porém, de forma alguma Miqueias é um profeta “menor”. A mensagem do livro é profunda e abrangente, tratando desde questões como a posse da terra e a corrupção nos tribunais, até questões ligadas aos valores éticos de um país e a conceitos teológicos fundamentais. Chama atenção, porém, o fato de que o profeta Miqueias - de quem o livro toma o nome - não era um “intelectual”, um homem de “cidade grande”, mas, sim, um camponês, um ancião da vila de Morasti-Gat, um pequeno lugarejo quase na fronteira do reino de Judá com a Filistéia. Semelhantemente a Amós, também morador de uma pequena cidade nas montanhas de Judá, Miqueias demonstra que a sabedoria popular em nada fica devendo à “inteligência” das pessoas “estudadas” das grandes cidades. As palavras de Miqueias têm, assim, um sabor camponês, um estilo rural, uma perspectiva de quem trabalha a terra para produzir vida.

O profeta Miqueias, porém, não foi o único autor do livro que tem seu nome. Miqueias conquistou discípulos e seguidores. A força de sua palavra foi percebida tanto no interior de Judá como na própria capital do Reino! Em Jeremias 26,1-24, encontramos um relato a respeito do profeta Jeremias. A cena se passa em Jerusalém, cerca de 100 anos depois da época de Miqueias. Jeremias, o profeta, prega sobre a destruição de Jerusalém e causa indignação nas autoridades. Vai a julgamento, acusado por sacerdotes e profetas ligados ao Templo de Jerusalém. A sua condenação parece inevitável. Entretanto, alguns anciãos do interior tomaram

1 Acrescentei um pouco de material à Introdução e ampliei a Bibliografia. No mais, mantive o texto da primeira edição do livro.

a defesa de Jeremias (Jr 26,17-19). Lembraram à assembleia reunida que, no passado, outro profeta já anunciara a destruição de Jerusalém, e não fora condenado. Pelo contrário, segundo esses anciãos, salvou Judá do juízo divino. Esses anciãos citaram palavras de Miqueias (v. 18). Vemos, portanto, que durante gerações, o pessoal do campo preservou as palavras de Miqueias, pois viram nele um verdadeiro profeta de Javé.

Um dos mais recentes comentários norte-atlânticos ao livro de Miqueias reconhece o caráter crítico do livro: “proponho ler o livro de Miqueias como um antigo *crítico populista* israelita, cujas atitudes foram empoderadas parcialmente por sua localização social como um morador das ‘terras baixas’, especificamente de uma vila (Moresete, cerca de 40 quilômetros a sudoeste de Jerusalém) da Sefelá (a região de planície, que estou chamando de ‘terras baixas’) e, parcialmente, por sua feroz crítica da elite de Jerusalém”².

Mas não foi só entre anciãos do interior que as palavras de Miqueias foram respeitadas. Também na capital, Jerusalém, as suas palavras se fizeram respeitar. As mesmas pessoas que guardaram e transmitiram as palavras do profeta Isaías, preservaram as palavras de Miqueias. Até tiveram o cuidado de colocar a mesma profecia nos dois livros. Mq 4,1-4 e Is 2,2-5 são a mesma profecia, com pequenas diferenças de detalhes. Os estudiosos não sabem bem quem foi o autor dessas palavras, nem quando elas foram escritas. Talvez Miqueias, talvez Isaías, ou mesmo um discípulo, ou uma discípula, de um desses profetas. O que interessa para nós, porém, é que gente da cidade grande fez questão de juntar as palavras do camponês Miqueias e fazer um livro com elas.

A formação do livro de Miqueias, apesar dele ter apenas sete capítulos, parece possuir uma história relativamente longa³. Apresentamos, aqui, uma versão breve e relativamente conservadora do processo redacional do livro. Ele começou a ser escrito na época do profeta Miqueias, um agricultor do interior de Judá, que foi chama-

2 SMITH-CHRISTOPHER, Daniel L. *Micah: A Commentary*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2015, p. 1. Serie: The Old Testament Library

3 O número e a variedade de hipóteses sobre a origem e a redação dos oráculos do livro não para de crescer. Uma boa síntese dos anos 1980 à primeira década do século XXI se encontra em JACOBS, Mignon R. Bridging the Times: Trends in Micah Studies since 1985. *Currents in Biblical Research* v.4, n.3, p. 293-329, 2006.

do por Javé para “denunciar os crimes” da sua nação (os caps. 1-3 do livro). Isso aconteceu, aproximadamente, no último quarto do século VIII a.C. (725-700). As palavras de Miqueias, como vimos, foram preservadas por seus discípulos e por gerações de anciãos de Judá, e podemos situar os capítulos 4-5 (com algumas exceções) ainda no período pré-exílico, entre a época da vida de Miqueias e o início da atividade profética de Jeremias. É possível que, em essência, 6,1-7,7 tenha tido sua origem entre profetas do reino de Israel, que se mudaram para Judá após a destruição de Samaria. Esses profetas do reino do norte se uniram a discípulos de Miqueias, e ajudaram a manter vivo (no curso do séc. VIII, ou dos sécs. VII-VI a.C.) um movimento camponês de resistência contra a opressão da casa real (Jerusalém) sobre o campesinato. É possível que, em função da linguagem e perspectiva teológica de 6,1-7,7, o círculo que compôs este trecho e o anexou às palavras de Miqueias tenha ajudado a formar um movimento teológico que, mais tarde, tornou-se extremamente importante para a história religiosa e literária do Antigo Testamento: o movimento deuteronomista.

Algum tempo mais tarde, a partir de 587 a.C., quando o reino de Judá não mais existia e Jerusalém estava em ruínas, as palavras de Miqueias (caps. 1-3), mais as palavras dos seus discípulos (4-5) e as palavras dos migrantes israelitas (6,1-7,7), foram relidas por profetas judeus que esperavam a restauração de sua nação. A grande questão já não era mais “denunciar os crimes de Judá”, mas animar o coração dos sobreviventes à mortandade e destruição causadas pelo exército da Babilônia. Esse processo de releitura durou até próximo do ano 500 a.C., refletindo uma situação complexa, que envolvia a tentativa de reconstrução do Templo e da cidade de Jerusalém. A nação judaica estava sendo reconstruída, mas havia muita indefinição política, religiosa e econômica. De novo era necessário animar os corações dos sobreviventes do povo de Deus, e tentar reorganizar um projeto para a restauração de Jerusalém e de Judá. Não sabemos ao certo, porém, quando Miqueias foi incorporado aos *Doze* formando um dos livros da seção profética do cânon hebraico.⁴

4 Para uma análise do ponto de vista da história cultural, veja ZABATIERO, Júlio P. T. *Uma História Cultural de Israel*. São Paulo: Paulus, 2013.

Podemos, de forma simplificada, apresentar o seguinte quadro:

Século VIII a.C. (palavras do agricultor-profeta Miqueias) - **1,2-3,12**

Séculos VIII-VII a.C. (discípulos judaítas de Miqueias) - **4,1-5,14**

Séculos VIII-VII a.C. (profetas do reino de Israel e discípulos de Miqueias) - **6,1-7,7**

Séculos VI-V a.C. (re-leituras exílicas / pós-exílicas de Miqueias) - **trechos esparsos; 7,8-20 + redação final**

Como nós veremos, ao longo do comentário ao texto, várias perícopes não se encaixam cronologicamente. Isso aconteceu porque os redatores dos livros dos profetas não se preocupavam com a ordem cronológica das profecias registradas por escrito. A preocupação dos redatores dos livros era teológica, ou seja, eles queriam anunciar a palavra de Deus para as suas comunidades. Por isso, os detalhes cronológicos ficavam em segundo lugar, pois era mais importante o conteúdo da palavra - a mensagem de Deus para o Seu povo.

Os livros dos profetas do Antigo Testamento são como árvores frutíferas: a cada nova estação, assumem a forma necessária para continuar vivendo e, no momento certo, produzem os frutos que matam a fome e saciam a sede. As palavras/profecias no livro de Miqueias são frutos de colheitas diferentes, mas vêm da mesma árvore e produzem o mesmo efeito. São os frutos da árvore da vida e, para os que estão dispostos a se comprometer com o projeto de Deus, matam a fome e alegram a vida. Para os que não se dispõem a seguir e construir o projeto de Deus, amargam a vida e conduzem à morte. No início da história da Igreja, o apóstolo Paulo falou dos pregadores do Evangelho em termos semelhantes: “De fato, diante de Deus nós somos o bom perfume de Cristo entre aqueles que se salvam e entre aqueles que se perdem: para uns, perfume de morte para a morte; para outros, perfume de vida para a vida.” (2 Co 2,15-16)

Quanto ao texto do livro, Miqueias não apresenta grande número de problemas, nem de variantes significativas. O TM parece bastante sólido, mas é possível que versões antigas da LXX contenham testemunhos mais adequados das formas hebraicas primitivas do texto. Há apenas dois frag-

mentos do livro e dois trechos de comentários ao livro nos manuscritos do mar Morto, que não oferecem nenhuma revisão do TM.⁵

Para compreender essas palavras, hoje, é preciso conhecer a história e a sociedade dos tempos em que o livro foi escrito. Antes de analisarmos o texto do livro, portanto, vamos apresentar um quadro panorâmico da história de Judá desde o VIII século a.C. até o século VI a.C. A profecia bíblica nasceu da vida do povo de Deus, por isso, tentaremos rever como era essa vida, a fim de entendermos melhor as palavras da profecia. Tendo em vista que há abundante bibliografia historiográfica relativa a este período, destacarei apenas os elementos mais importantes para a compreensão do livro de Miqueias.

A hipótese básica desta leitura do livro de Miqueias é que ele representa uma voz crítica do campesinato judaíta, apoiada por migrantes do Reino do Norte, contra a elite de Jerusalém e seus vínculos com os reis imperialistas, primeiramente da Assíria, mas também da Babilônia. Para a manutenção do poder e da cidade de Jerusalém, os reis davididas e seus apoiadores colocaram o campesinato de Judá sob a mira das armas estrangeiras e sob o peso imenso de uma tributação excessiva, necessária para manter o poder real diante da ameaça imperialista mesopotâmica. Em uma situação como esta, as mulheres representam um papel ainda mais importante na vida cotidiana, não só como vítimas remanescentes da guerra, mas também como reconstrutoras da atividade econômica e da continuidade física e cultural da população.⁶

Hipótese similar é adotada por Smith-Christopher, que merece uma citação mais longa:

Portanto, o modo mais efetivo de entender Miqueias em seu contexto histórico, geográfico e ideológico é ler sua mensagem como um desafio religioso e político, regionalmente orientado, contra os interesses econômicos e militares opressivos da elite central

5 Pode-se consultar os comentários padrão das grandes séries. Boas e breves discussões são encontradas nos volumes recentes das séries *The Old Testament Library* (já citado) e da *Anchor Yale Bible* (Freedman & Andersen).

6 Uma obra interessante, com a qual discordo no tocante à visão sobre a organização do livro, mas que tem material importante do ponto de vista do conteúdo e do modo de leitura é: RUNIONS, Erica. *Changing subjects: Gender, Nation and Future in Micah*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2001.

de Jerusalém. A mensagem de Miqueias deve ser lida a partir da 'perspectiva interessada' da própria região de planície de Miqueias, com sua orientação agrícola. Miqueias representa uma atitude de localismo antigo que vê como primária a lealdade à família, clã e região, ao invés de se identificar completamente com o destino de uma elite 'nacional' em uma cidade dominante.

Assim, Miqueias exibe uma suspeita inerente contra o militarismo centralizado, uma suspeita que é frequentemente característica de muitos exemplos de atitudes 'populistas' na história. Tais atitudes não são baseadas em algum tipo de pacifismo moralista (embora algumas vezes essas atitudes possam acompanhar estas visões), mas representam, sim, uma resistência política em relação aos interesses originados em local distante da casa (SMITH-CHRISTOPHER, 2015, p. 21).

O termo *populista* não é usado com precisão na citação. Usaríamos, na América Latina, o termo *popular* que, embora também não seja sociologicamente preciso, reflete melhor os sujeitos envolvidos do que o termo *populismo*, comumente usado em tom pejorativo.⁷

7 Para uma visão distinta, de esquerda, do populismo, pode-se consultar LACLAU, Ernesto. *On Populist Reason*. Londres: Verso, 2005.

2. Judá sob o IMPERIALISMO Estrangeiro

2.1. Judá sob o Imperialismo Assírio

2.1.1. Um quadro geral dos eventos internacionais

Judá, na época em que Miqueias profetizou, estava sob o domínio do Império Assírio. A presença assíria se fez sentir na Palestina na segunda metade do séc. VIII a.C., e desestruturou as relações de poder na região. Na primeira metade do séc. VIII a.C., tanto Judá como Israel experimentaram um surto de crescimento econômico e político, graças à possibilidade de controlar as rotas do comércio internacional e à liberdade em relação a impérios estrangeiros. Aproximadamente por volta de 740 a.C., porém, o Império Assírio está novamente em um período de esplendor, e começa a lutar pelo controle da Síria-Palestina.

Por volta de 734 a.C., foi organizada uma coalizão anti-assíria, liderada por Rezin, de Damasco. Israel entrou para essa coalizão, e foram feitos esforços para conseguir o apoio de Judá. O rei de Judá, Acaz, não entrou para essa coalizão anti-assíria, e sofreu a represália dos sírios e israelitas. Ameaçado pelos exércitos de Israel e Síria, Acaz pediu socorro ao rei da Assíria - Tiglat-Pileser. Este veio imediatamente em socorro de Acaz, conquistou Damasco e boa parte do território de Israel. Em troca dessa ajuda militar, Acaz passou a pagar tributo aos assírios, e Judá tornou-se um país *vassalo* do Império Assírio (cf. 2Rs16,1-18).

O reino de Israel, entretanto, perseverou em sua política anti-assíria, até que, finalmente, em 722 a.C. - após um cerco de 3 anos - a cidade de Samaria foi conquistada. Cerca de 27.000 de seus habitantes foram deportados, e a cidade se tornou capital da província *Samerina* do Império Assírio. Na região do antigo país de Israel vieram habitar pessoas de vários países do Império Assírio, conforme o costume assírio de deportações, com vistas a facilitar o controle sobre as várias regiões do Império (cf. 2Rs 17,1ss).

Enquanto Israel chegava ao fim como nação independente, o reino de Judá era governado por Ezequias. Durante boa parte de seu reinado, Ezequias foi um fiel vassalo do Império Assírio, mas por volta de 705

a.C., após a morte de Sargão, rei da Assíria, ele - Ezequias - começou a se preparar para tornar-se livre do poderio assírio. A atitude de Ezequias seguia um padrão relativamente comum naquela época do poderio assírio, tendo em vista que o Império - quando da sucessão do trono - ficava em um estado de grande agitação político-militar. Enquanto os herdeiros do rei lutavam pelo trono, os países subordinados tentavam conquistar sua liberdade. Senaqueribe, o novo rei assírio, alega ter controlado uma tentativa de revolta no sul da Palestina, durante a qual ele “colocou o orgulhoso Ezequias sob os seus pés”. Em 703 a.C., Merodac-baladã assumiu o poder na Babilônia e começou a se organizar contra Senaqueribe e convocou uma grande coalizão militar, contando com o apoio dos filisteus e dos egípcios. Enquanto não podia lidar com o exército babilônio, Senaqueribe atacou a região dos filisteus, e conseguiu impedir a revolta de algumas de suas cidades-estado.

Nesse meio-tempo, Ezequias, que parecia permanecer fiel ao Império Assírio, estava se preparando para uma revolta. Finalmente, em 701 a.C., Senaqueribe voltou ao sul da Palestina, tomou praticamente todo o interior de Judá - que entregou aos filisteus -, e manteve Ezequias prisioneiro em sua própria capital, Jerusalém. Por alguma razão desconhecida, Senaqueribe desistiu de tomar Jerusalém, e voltou para a Assíria. Não sem, entretanto, recuperar a submissão de Ezequias. Após a morte deste, seu filho Manassés reinou como fiel vassalo dos assírios (a partir de c. 697 a.C.). Em alguma data, durante o reinado de Manassés, Judá recuperou as cidades outrora entregues pelos assírios aos filisteus - certamente como recompensa pela fidelidade do rei judaíta ao Império Assírio (cf. 2Rs caps. 18-21).

2.1.2. Um quadro geral da situação em Judá

Sob a presença imperial assíria, a vida do povo de Judá sofreu várias adversidades. Duas devem ser destacadas: (1) uma forte presença cultural estrangeira, que contribuía para a perda da identidade religiosa do país. Discute-se, entre os historiadores, se a Assíria obrigou Judá (ou os outros vassalos) a adorar os seus deuses. Não há, ainda, um consenso sobre a questão. Parece-me que a melhor resposta seria a de que a Assíria não impunha aos países vassalos a adoração de seus deuses. Entretanto, a

presença de oficiais assírios e a mera presença do poderio assírio seriam suficientes para levar os vassalos a reverenciar os deuses do Império. No mínimo, foi isso que Acáz fez, conforme o relato de 2 Reis 16,10-18. Se levarmos em consideração que a marca distintiva da fé israelita era a exclusividade da adoração a Javé, a presença cultural assíria significava um forte abalo à identidade judaíta.

(2) A exigência de tributo adicional ao já exigido pela monarquia judaíta. Juntamente com a ameaça à identidade religiosa do país, o imperialismo assírio criava dura realidade financeira para os camponeses (principalmente), com a exigência de pesados tributos - em pedras preciosas, outros bens e, quando necessário, soldados (cfe. os vários anais de reis assírios do período, e, também, 2Rs 16,8; 18,14-15). Embora os relatos do livro de Reis falem da fonte do pagamento dos tributos como o tesouro do templo, certamente o mesmo seria cobrado do campesinato - pois somente da produção agrícola é que Judá poderia arrecadar “dinheiro” no comércio internacional.

Diante desse quadro, a resposta militarista de Ezequias somente vinha acrescentar dificuldades ao campesinato judaíta. A chamada “reforma” de Ezequias (cf. 2 Rs 18,3-6) foi parte de sua revolta contra o domínio assírio (cf. 2 Rs 18,7). Aparentemente, Ezequias estava bem intencionado em sua política anti-assíria. Por um lado, tentou restabelecer a identidade do país, recusando-se a patrocinar a adoração de deuses estrangeiros. Por outro, tentou livrar a nação do domínio assírio e do conseqüente pagamento de tributos ao Império. Entretanto, ao tomar as medidas para tal “libertação” não foi capaz de resolver os problemas mais imediatos e concretos do campesinato judaíta.

Vejamos: (1) Se o relato de 2 Rs 18,3-6 não é exagerado, na sua reforma religiosa, Ezequias não só atacou o culto a deuses estrangeiros, como também atacou os “lugares altos”, ou seja, os santuários populares do interior, sob o pretexto de que esses lugares altos seriam idolátricos. Assim, na tentativa de restaurar a identidade da nação, não levou a sério os direitos religiosos do campesinato; violentou a religião das famílias de seu povo.

(2) Para lutar contra os assírios, Ezequias iniciou um ambicioso programa de reforma da cidade de Jerusalém: reconstruiu os muros da cidade, fortaleceu suas defesas, construiu estábulos e depósitos na cidade, edificou um novo muro de proteção, re-aparelhou o exército, e escavou na rocha

sólida um túnel, com cerca de 534 metros de comprimento, para garantir o abastecimento de água de Jerusalém em caso de um cerco militar (cf. 2 Cr 32,5.28-30). Provavelmente, tomou medidas semelhantes em cidades fortificadas do interior de Judá, e contratou mercenários para o exército. Essas medidas significavam não só um aumento da demanda de tributos em espécie (para compra de materiais e armas), mas também significava o arregimentamento dos jovens para os trabalhos de construção. Tributo para o sustento da corte, para o sustento do Império e para o sustento de um novo exército, mais a corvéia para as obras militares do Estado, assim, colocavam um jugo insuportável sobre o campesinato. Não é à toa, pois, que Miqueias fala de Jerusalém como cidade construída com sangue (3,12).

Em tal situação, porém, nem todos saíam perdendo. Em toda e qualquer sociedade há as pessoas que sabem e podem aproveitar as oportunidades sistêmicas para o enriquecimento rápido. No tempo de Ezequias, duas possibilidades de enriquecimento rápido foram criadas (ou intensificadas): por um lado, a participação no comércio internacional necessário para auferir “divisas”, a fim de pagar os tributos para o Império Assírio e também para pagar as despesas do projeto estatal - essa participação ocorria sob a supervisão do Estado que, praticamente, detinha o monopólio do comércio internacional então; e, por outro lado, o financiamento do campesinato endividado pelos tributos e corvéia crescentes. Com o não pagamento das dívidas, os credores tomavam as terras dos devedores, e formavam “latifúndios” altamente lucrativos. É especialmente este processo de acumulação de terras que Miqueias, como porta-voz dos sem-terra denuncia! Os sem-terra a quem Miqueias pertence teriam sido agricultores que perderam as suas terras nesse processo iníquo de acumulação.

Tendo em vista que mudanças desse tipo não ocorrem sem forte legitimação ideológica, não surpreende que Miqueias tenha tido fortes conflitos com os “falsos profetas”, ou seja, os sacerdotes, adivinhos e pregadores que apoiavam o projeto do rei, e propagavam a teologia da inviolabilidade de Sião. Ao mesmo tempo, denunciava os tribunais que permitiam a acumulação de terras, um processo que negava o tradicional direito fundiário do campesinato judaíta. Veremos detalhes deste elemento ideológico no comentário aos caps. 2-3 de Miqueias.

Como resposta à revolta de Ezequias, Senaqueribe invadiu Judá em 701 a.C., tomou 46 cidades do interior, deportou boa parte de sua população,

e entregou o território aos filisteus fiéis ao seu governo. Mais uma vez, o campesinato pagou a conta da política militarista insensata de seu rei! Neste sentido, a política submissa de Manassés - embora fortemente condenada pelos deuteronomistas por seu caráter idolátrico (2 Rs 21) - representou um alívio econômico para o campesinato judeu, além de ter conseguido recuperar o território perdido por Ezequias. Não deixa de ser irônico o fato de que o “bom” rei, do ponto de vista da “teologia”, foi um desastre para o povo, enquanto o “mau” rei conseguiu benefícios (parciais, é certo) para esse mesmo povo sofrido.

Não devemos nos iludir com isto, porém, pois Manassés permaneceu um fiel pagador de tributo ao império, tributo que ele extraía do campesinato judaíta - e provavelmente foi essa a razão pela qual os assírios devolveram os territórios perdidos por Ezequias - a fim de garantir uma base para a arrecadação de tributos pelo novo e fiel monarca judeu. Além do mais, a sua política religiosa idolátrica - apesar dos exageros da crítica deuteronomista - certamente causou sérios embaraços ao campesinato judaíta. O clima econômico, cultural e religioso do reinado de Manassés parece ser o pano de fundo das denúncias de Mq 6,1-7,7.

2.2. *Judá sob o Imperialismo Babilônio e Persa*

2.2.1. A conquista babilônica

Trechos dos capítulos 1-6, o oráculo de 7,8-20, bem como o processo de redação final do livro, provêm do período em que Judá esteve sob o domínio dos babilônios e persas.⁸

(1) Na segunda metade do séc. VII a.C., houve mais uma tentativa, por parte do rei Josias, de se livrar do poderio assírio e realizar uma reforma religiosa, em moldes similares aos do projeto de Ezequias. Em função de seu projeto militarista de independência, Josias acabou sendo morto em

8 Os eventos que levaram à conquista de Judá, e a destruição de Jerusalém, são relativamente bem conhecidos, e foram descritos adequadamente por M. Schwantes em *Sofrimento e Esperança no Exílio* e por J. Pixley em *A História de Israel a partir dos pobres*, portanto, restrinjo-me a destacar alguns aspectos que me parecem mais relevantes para a compreensão do livro de Miqueias.

uma batalha contra os egípcios, em 609 a.C. A partir daí, Judá sai da esfera do poder assírio e entra na esfera do poder egípcio - troca um senhor por outro! Entrementes, os babilônios conseguem assumir o antigo Império Assírio, e passam a se ocupar com a região palestinese. Judá cai sob a órbita do poder babilônio, mas numa tentativa de se libertar, em 597 a.C., o rei Jeconias foi feito prisioneiro do rei da Babilônia, tesouros do Templo foram tomados e uma pequena parcela da população de Jerusalém foi deportada para a Babilônia.

Os babilônios impuseram um novo rei sobre Judá, Sedecias. Este, alguns anos depois, se rebelou contra o domínio babilônico, e causou a destruição de Jerusalém (587 a.C.) e mais uma deportação de parte da população da cidade, além da morte de considerável parcela da população do campo, no decorrer da invasão do exército babilônio. Os babilônios colocaram sobre Judá um “governador”, provavelmente a fim de reorganizar a região com vistas à arrecadação de tributos. Isso não deu certo, e mais uma revolta contra os babilônios aconteceu, causando mais uma deportação, em 582 a.C. A partir desse ano, Judá ficou “largada em suas próprias mãos”. Sem governo, sem Templo, sem lideranças religiosas definidas. Judá ficou uma região sem controle estatal e, possivelmente, os sobreviventes foram se ajeitando a partir de suas tradições de organização clânica, e foram levando a vida conforme possível. Podemos imaginar o quadro confuso dos grupos de reflexão teológica desse período, mas certamente tiveram de se esforçar para: (1) explicar a queda de Jerusalém; (2) gerar esperança e projetos de restauração - ora messiânicos, ora centralizados no Templo, etc.; (3) lidar com a presença e intercâmbio com estrangeiros e nações vizinhas.

2.2.2. A vida sob o Império Persa

Em 539 a.C., os persas - que haviam tomado o Império Babilônico, resolveram reorganizar a região de Judá, e permitiram a volta de judeus exilados. Os livros de Ageu e Zacarias tratam de alguns episódios ligados a essa primeira tentativa de reorganização de Jerusalém e Judá (são textos dos anos 520-518 a.C.), bem como vários trechos do Terceiro-Isaías (caps. 56-66) provêm, em geral, deste período inicial do domínio persa. Novos conflitos surgiram, tanto a nível teológico como político-econômico, e a tentativa não foi, aparentemente, muito bem sucedida. De qualquer forma,

porém, a vida em Judá estava novamente sob um regime de governo a partir de Jerusalém; conflitos pela propriedade de terras voltaram a acontecer; situações conflitivas com as nações vizinhas aconteceram, e choques de projetos de restauração mais uma vez se fizeram sentir.

É nesse confuso, e pouco conhecido pelos historiadores, período de 580 a.C. até c. 500 a.C. que foram produzidos os caps. 4-5 de Miqueias, o texto de 7,8-20, e a redação final do livro. Os grandes eixos temáticos dessa redação final foram: (1) qual o projeto de restauração mais adequado para Judá e Jerusalém?; (2) como nos relacionamos com o Império e com as nações vizinhas, nesta nova situação?; (3) como servir e adorar a Javé, de modo a reconquistarmos o seu favor e amparo? A essas perguntas, o livro de Miqueias oferece as seguintes respostas:

(1) Judá e Jerusalém têm de ser reconstruídos, mas não mais como antagonistas, e sim como colaboradores, numa relação de justiça e respeito ao direito tradicional do campesinato. Jerusalém terá de exercer um papel de liderança religiosa e política, mas sob o domínio de Javé, e com um monarca que atenda aos interesses do interior;

(2) O povo de Deus será, por Javé, liberto do Império e se tornará um instrumento de ensino da palavra de Javé para as nações, que aprenderão a viver em paz. Rejeita-se a atitude militarista, cujos resultados são apenas opressão, destruição e mortandade. Há, porém, que lidar com as nações rebeldes, que não se dispuserem a seguir o caminho de Javé. Para com estas, Judá - sob a liderança de Javé - será uma forte nação, capaz de enfrentá-las e derrotá-las se e quando necessário;

(3) A relação com o rei-Javé tem sua base na aliança misericordiosa de Javé para com seu povo, e exige uma resposta do povo e seu rei humano em termos de justiça, solidariedade e humildade (temor a Deus). Os cultos não precisam de sacrifícios de animais, mas de expressar o louvor a Javé, a atenção à Palavra de Deus, o temor ao Senhor, e a solidariedade/ justiça sociais.